



Decreto N. 94, de 1945

REVOGANDO O DECRETO N. 92, DE 13 DE MARÇO DE 1945

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. III, do decreto-lei federal n. 1.202, de 3 de abril de 1939,

D E C R E T A :

Art. 1.º — Fica revogado o decreto n. 92, de 13 de março de 1945.

Art. 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação. Paço Municipal de Campinas, aos 16 de maio de 1945.

P. LEITE DE BARROS

Prefeito Municipal, em Comissão

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 16 de maio de 1945.

O Diretor,
ADMAR MAIA



Decreto-Lei N. 311

DÁ DENOMINAÇÃO A LOGRADOUROS PÚBLICOS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. I, do decreto-lei federal n. 1.202, de 5 de abril de 1939,

DECRETA:

Art. 1.º — Passam a denominar-se, pela forma abaixo indicada, as seguintes ruas, avenidas e praças públicas constantes da respectiva planta rubricada pelo Prefeito, a saber:

RUA BARÃO DE PARANAPANEMA — antiga rua conhecida como Estrada da Baronesa, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Dr. Moraes Sales e termina na Rua Proença;

RUA LUIZ DALINCOURT — antiga Rua Seis, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SAINT HILAIRE — antiga Rua Cinco, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SILVA MANSO — antiga Rua Quatro, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA TENENTE GONÇALVES MEIRA — antiga Rua Dois, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguiana;

RUA BARÃO DE ANHUMAS — antiga Rua Um, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguiana;

RUA DIGNA OLÍVIA PENTEADO — antiga rua conhecida como Travessa da Saudade, que começa na Praça Voluntários de 32 e termina na Rua Abolição;

RUA SILVA PONTES — antiga Rua Dois, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina junto à divisa dos terrenos do antigo Hospital de Isolamento;

RUA HIPÓLITO DA SILVA — antiga Rua Um, da Vila Marieta, que começa na Rua Dr. Botim e termina na divisa dos terrenos de propriedade de José Penteado;

RUA MORAIS NAVARRO — antiga Rua Cinco, da Vila Marieta, que começa na Rua Seis, da mesma vila, e termina na rua conhecido como Ranulfo Sales;

RUA ALVARO VILACELIN — antiga Rua Quatro, da Vila Marieta, que começa na Rua Moraes Navarro (antiga Rua Cinco), e termina na rua conhecida como Ranulfo Sales;

RUA FLORIANO CAMARGO PENTEADO — antiga Rua Cinco, da Chácara Vieira, que começa na Avenida da Saudade e termina na Rua Abolição;

RUA GENERAL LAURO SODRE — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, termina na divisa da mesma chácara;

RUA FRANCISCO DE ASSIS PUPO — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, após uma curva, à esquerda, termina nessa mesma rua;

RUA CADETE JOÃO TEIXEIRA — antiga Rua Quatro, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, abaixo da Rua Joaquim Vilac, e termina na divisa da vila do mesmo nome;

RUA CORONEL JOAQUIM MONTEIRO — antiga Rua Cinco, da Vila Teixeira, que começa na Rua Joaquim Vilac e termina na divisa da mesma vila;

RUA JANUÁRIO DE OLIVEIRA — antiga Rua Dois, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, acima da Rua Cadete João Teixeira (antiga Rua Quatro) e termina na Rua Joaquim Vilac;

RUA MAJOR LUCIANO TEIXEIRA — rua sem denominação, que começa na Rua General Bento Bleudo e, seguindo em direção normal a esta, termina na Rua Governador Pedro de Toledo, próximo à Rua do Café;

RUA PADRE CAMARGO LACERDA (Padre Abel) — antiga Rua Cinquenta e Sete, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Emílio Henking, termina na Rua Circular Quatro, do Jardim Chapadão;

RUA DR. SALVADOR PENTEADO — antiga Rua Cinquenta e Oito, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Padre Camargo Lacerda (antiga Rua Cinquenta e Sete), termina na Rua Rafael Sales;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 2

RUA ESPANHA — antiga Rua Cento e Dez, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Dr. Salvador Pentecado (antiga Rua Cinquenta e Oito), termina na Rua Alberto Sarmento;

RUA ITALIA — antiga Rua Cento e Vinte e Nove, do Bonfim, que começa na divisa dos terrenos onde está situada a máquina de algodão de propriedade de Rafael & Cia. e, seguindo paralelamente à Rua Espanha (antiga Rua Cento e Dez), termina na Rua Germânia;

RUA DAS PALMEIRAS — antiga rua conhecida como Travessa Sorocabana, do Bonfim, que começa na Avenida Pedro de Toledo e termina na rua conhecida como Avenida Sorocabana;

AVENIDA FRANCISCO ELISIÁRIO — avenida sem denominação, conhecida como Avenida Sorocabana, do Bonfim, que começa na Rua Pereira Lima, junto à passagem superior da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, seguindo paralelamente à Avenida Governador Pedro de Toledo, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Fábrica João Jorge;

RUA REVERENDO EDUARDO LANE — antiga Rua Cento e Cinco, da Vila Nova, que começa na Rua Carolina Florence e termina na Rua Buarque de Macedo;

RUA CONSELHEIRO ANTÔNIO PRADO — antiga rua conhecida como Quinta Travessa, da Vila Nova, que começa na rua conhecida como Avenida Maria Lúcia e, seguindo em direção normal a esta, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Estação da Rádio Difusora de Campinas;

RUA DONA ANA GONZAGA — antiga Rua Setenta e Sete, do Guanabara, que começa na Rua Paula Bueno e, seguindo, em direção normal a esta, termina nas proximidades do Canal do Saneamento;

RUA CAPITÃO FRANCISCO DE PAULA — antiga Rua Cento e Sete, do Cambui, que começa na Rua Emília Ribas, abaixo da Rua Santo Antônio e, seguindo paralelamente a esta, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA COMENDADOR TORLOGO DAUNTRE — antiga Rua Um, da Vila Cambui, que começa na Rua Barreto Leme e termina na praça de retorno;

RUA DOS ALECRINS — antiga Rua Vinte e Um, que começa na Rua Diogo Prado e, seguindo paralelamente à Rua Santo Antônio, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA CARLOS KAYSER — antiga Travessa A, do arruamento Mário Sidow, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na Rua Maria Monteiro;

RUA LUIZ SILVEIRO — antiga Rua Sete, da Vila Marieta, que começa na rua conhecida como Ranulfo Sales e termina na Vila Paraíso;

RUA JOÃO EGÍDIO — antiga Rua Dez, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Avenida Washington Luiz;

RUA LEOPOLDO AMARAL — antiga Rua Ranulfo Sales, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Rua Dr. Betim;

RUA PADRE BERNARDO DA SILVA — antiga Rua Um, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA PROFESSOR ADALBERTO NASCIMENTO — antiga Rua Três, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ELIAS LOBO NETO — antiga Rua Cinco, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ARNALDO BARRETO — antiga Rua Sete, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. PINTO FERRAZ — antiga Rua Nove, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. BENIGNO RIBEIRO — antiga Rua Quatorze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório do arruamento;

RUA PAULO LACERDA — Antiga Rua Doze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. ALVES DO BANHO — antiga Rua Dez, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. CASSIANO GONZAGA — antiga Rua Oito, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;



Auguste de Saint-Hilaire



Saint-Hilaire

FALECIDO em La Turpiniere, no dia 30 de setembro de 1853, Auguste de Saint-Hilaire nasceu em Orléans, França, a 4 de outubro de 1799. Desde muito jovem sentiu-se atraído para o estudo das ciencias naturais, dedicando-se, por algum tempo, à entomologia e mais tarde, à zoologia e à botânica. Designado para o cargo de auditor do Conselho do Estado, partiu para Paris. Sempre apatronado pela natureza, sentiu-se hesitante entre os dois rumos a seguir na vida, resolvendo finalmente dedicar-se ao estudo da botânica. Renunciou, então ao cargo que ocupava. Voltou a Orléans, publicando alguns de seus trabalhos no "Boletim da Sociedade de Ciencias de Orléans". Em 1816, foi encarregado pela Academia de Ciencias de Paris de realizar uma expedição ao Brasil, aqui chegando a 1.º de junho de 1816. Durante os seis anos que aqui permaneceu, não se dedicou exclusivamente a estudos botânicos; além de compor bela coleção de plantas colheu grande numero de especimes animais e minerais, percorrendo grande parte do territorio brasileiro. Com as observações que fez, escreveu varias obras que lhe valeram a admissoão a Academia Francesa. Realizou descobertas e esclareceu fatos desconhecidos de organogênese e organogênese. Cavaleiro da Legião de Honra, pertenceu a inumeros institutos científicos. De sua vasta bibliografia, destacam-se os seguintes trabalhos: "Plantas Usuais dos Brasileiros", "Historia das Plantas mais Notaveis do Brasil e do Paraguai", "Flora Brasiliae Meridionalis", "A Agricultura e a Criação do Gado nos Campos Gerais", "Viagens pelo Interior do Brasil".

Saint-Hilaire, os 200 anos do primeiro brasilianista

ANPVI 4279.5

ERNANI SILVA BRUNO

Dele escreveu certa vez o poeta Manuel Bandeira que era "o nosso Saint-Hilaire, dizendo que assim o chamava para distingui-lo do irmão Geoffroy, também naturalista e talvez mais conhecido em todo o mundo. Mas não seria apenas por isso. Percorrendo uma parte imensa de nossa terra e descrevendo, com enorme interesse e tão grande pachorra, a vida de seus habitantes, Saint-Hilaire ganhou para sempre a simpatia dos brasileiros e sua obra se incorporou em definitivo ao nosso patrimônio cultural.

Nascido a 4 de outubro de 1779 em Orleans (França), Agustin François Cesar Provencal, atraído pelas ciências naturais, abandonou a carreira comercial a que se dedicara na adolescência e passou a estudar botânica com os mestres Jussieu, Richard e Desfontaines. E foi na qualidade de botânico, que embarcou em 1816 para o Brasil, incorporado à comitiva do Duque de Luxemburgo, embaixador junto ao reino de Dom João VI.

Consagrou seis anos de sua existência a percorrer uma vasta porção do Brasil, em andanças que cobriram cerca de duas mil e quinhentas léguas ao longo de várias regiões do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

"Não me limitei", escreveu, "a seguir os caminhos frequentados, internei-me pelos lugares mais desertos". O que correspondia, na época, como se pode avaliar, a gigantesca e penosa aventura. Sua caravana era uma pequena tropa, marchando na frente os burros carregados, seguidos pelo arreador e o tropelro, atrás dos quais cavalgava o naturalista protegido por enorme chapéu de sol. "costume dos habitantes do país". E com olhos atentos à vegetação. Todas as vezes em que avistava uma planta que lhe era desconhecida, não perdoava. Apeava, colhia algumas amostras, colocava-as na prensa, montava e a trote alcançava a caravana, que seguia a passos lentos. As vezes, troncos de árvores derrubados ou grossas raízes que restejavam pela terra faziam com que os animais tropeçassem ou retardavam sua marcha. Mas o pior era a pouxada noturna, que não raro se fazia ao relento ou em cubículos ou telheiros onde ele e os companheiros, além do frio e da chuva, suportavam o implacável ataque das pulgas e dos bichos de pé.

Mas, por isso mesmo, conviveu intimamente com os aspectos mais crus e mais desfavoráveis da realidade brasileira, aqueles que talvez não pudessem ser percebidos pelos viajantes que se limitaram a visitar as maiores cidades do litoral, a participar dos rapapés dos salões da corte ou a percorrer as chamadas estradas reais.

Não escaparam a Saint-Hilaire as deficiências, as carências, os aspectos negativos da vida e dos costumes do jovem povo que se aproximava de sua independência política e que ele muitas vezes criticou através de irônicas observações, como as referentes a sacerdotes desonestos, autoridades corruptas, criminosos impunes e à postura falsamente cristã dos senhores em face dos escravos.

Sendo católico e tendo conhecido no Brasil alguns sacerdotes que o impressionaram por suas virtudes, o clero brasileiro lhe pareceu no entanto, de modo



Pouso de Juqueri (quadro de Henrique Tavola baseado em desenho de Florence)

geral, de qualidade bastante duvidosa. Referiu-se a padres que oficiavam a missa com tamanha pressa que davam a impressão de que cumpriam uma aposta e confessou-se confuso por ter encontrado na casa de um sacerdote em que se hospedara, no Rio Grande do Sul, tantas moças. "Uma era sua afilhada, outra sua sobrinha, a terceira filha adotiva".

Também com ironia tratou da corrupção, que já se mostrava naquele tempo bastante aprazível entre nós, em mais uma comprovação de que os corruptos de nossos dias procuram manter fidelidade às tradições e à realidade nacional. Em cada um dos destacamentos militares de Goiás — conta o viajante — havia três cavalos que deveriam ser alimentados por conta do governo, afim de que, não ficando soltos no campo, como os demais, pudessem ser utilizados a qualquer momento. "Na maior parte do tempo, porém, o comandante do destacamento recebe o dinheiro e os três cavalos são alimentados como os outros". Claro que se tratava de uma pequena amostra.

De outra parte espantou-se de que, no decurso de suas viagens, tivesse encontrado criminosos foragidos que lhe confessavam, com a maior indiferença, a causa de sua mudança de domicílio. E que pronunciavam as palavras "sou criminoso" — diz o naturalista — mais ou menos no mesmo tom com que me diriam "sou negociante" ou "sou lavrador".

Também a existência do cativeiro e suas medonhas consequências não poderiam ter escapado à observação do botânico, que alertou: "É preciso que os brasileiros sejam tão estranhos à idéia do futuro quanto os próprios índios para que não vejam que, se continuam surdos à voz da humanidade, deveriam, ao menos por interesse próprio, cuidar de seus escravo-

vos". Refere-se a hábitos ligados ao cativeiro a mais irônica de suas observações, ao falar da refeição de que participou em uma casa de fazenda em Minas e ao final da qual os comensais renderam graças e fizeram o sinal da cruz, "Esse costume é, sem dúvida, respeitável; mas fica-se surpreso de ver o escravo que serviu a mesa juntar-se aos convivas e agradecer a Deus um repasto em que não tomou parte".

Não se pense, porém, que sua obra foi toda ela imbuída de crítica ou de menosprezo aos brasileiros. Bem ao contrário, ele se preocupava com o destino do Brasil e apresentava sugestões — porventura ingênuas — para eliminação dos males que o assolavam. Depois de retornar à Europa — com a formidável quantidade de plantas e animais que coletou para o Museum d'Histoire Naturelle, de Paris — continuou coligindo informes sobre o nosso país e se correspondendo com alguns amigos brasileiros, para manter sempre atualizado o conhecimento que, do Brasil, começara a ter ao longo de seus anos de duras peregrinações: Morreria a 30 de setembro de 1853.

Encarado no contexto daquilo que se convencionou chamar de Literatura de Viajantes, Saint-Hilaire talvez não tenha se impregnado a fundo do viver brasileiro, como outros visitantes que moraram durante anos em algumas de nossas regiões, como Bates na Amazônia ou Koster no Nordeste. Nem dispunha, por certo, das qualidades literárias de Richard F. Burton. Mas ninguém, tanto quanto ele, traçou um retrato tão coerente e rico da natureza e da paisagem humana do centro-sul do Brasil. Nesta passagem de seu bicentenário deve-se lembrar que suas narrativas acrescentaram algo de muito positivo à memória nacional.





Os grandes acontecimentos têm a capacidade de, por vezes, esconder ocorrências outras, que aparentemente parecem insignificantes. Assim tem sido através da história da humanidade, um sem número de comemorações maiores a engolir as efemeridas de menor monta.

Entre nós, o ano de 1972 foi tomado pelos festejos alusivos ao transcurso do Sesquicentário de nossa emancipação política. Em todos os quadrantes da Federação, houve discursos, inaugurações, bailes, seminários, congressos, promoções diversas. Criaram-se organismos especificamente dedicados ao evento.

O Brasil em péso viveu momentos de justificado jubilo, voltado exclusivamente para a festa maior. E ninguém se lembrou de que também há cento e cinquenta anos, exatamente no mês de agosto, pouco antes do Grito do Ipiranga, deixava o nosso país, para não mais voltar, Auguste Saint-Hilaire, o naturalista francês a quem muito devemos. Tampouco alguém recordou que naquele mesmo ano, o sábio gaulês empreendeu sua última viagem aos sertões brasileiros viagem que foi a segunda às Províncias de Minas Gerais e São Paulo, que depois apareceu em livro, como todas as outras que encetou pelo nosso hinterland.

Não custa, pois, recordar quem foi Auguste Saint-Hilaire e em que consiste sua obra, da qual nenhum pesquisador das coisas brasileiras, do aurorecer do século XIX, pode prescindir.

Auguste François Cesar Provençal de Saint-Hilaire, nasceu em Orleans, em França, em 4 de outubro de 1779, tendo falecido na mesma cidade, em 30 de setembro de 1853. Embora tivesse recebido o nome de Augustin, usava assinar Auguste. E assim passou à história. Segundo desejo de seus pais, o jovem seguiria a carreira comercial e, para tanto foi mandado para grande empório de Hamburgo, na Alemanha. Mas, como ninguém pode tolher suas inclinações, Saint-Hilaire deixou-se levar definitivamente pelo chamado da ciência e, em breve ingressaria em curso especializado de botânica, em Paris. Foram seus mestres A.C. de Jussieu, C. Richard e R. Desfontaines. Repudiando em parte o teorismo livresco, lançou-se ao campo em longas pesquisas. Mas o ambiente europeu não lhe trouxe a menor excitação. Sonhava com a oportunidade de dar largas ao seu espírito aventureiro. Queria fazer descobertas, perlustrar caminhos ainda não conhecidos, desbravar sertões inóspitos. Pensava em viajar pela Ásia ou África.

Éis que em princípios de 1816 o Duque de Luxemburgo fora nomeado por Luís XVIII primeiro Embaixador da França junto a Corte Portuguesa no Brasil. Buscava o monarca francês reatar as relações de seu país com Portugal, interrompidas pelas guerras napoleônicas. Quando Saint-Hilaire tomou conhecimento da notícia, deliberou acompanhar o Duque, para o Brasil e dar vazão aos seus desejos. Viria embrenhar-se em nossas matas, estudar nossa fauna e nossa flora, os costumes de nossos habitantes. O Duque por sua vez recebeu com simpatia a pretensão do jovem naturalista e, assim, viajaram juntos chegando ao Rio de Janeiro, em 30 de maio de 1816.

Seis anos permaneceu Saint-Hilaire entre nós e, nesse lapso de tempo, lutando contra todas as dificuldades da época, inclusive contra a barreira da língua, prestou relevantes serviços à cultura brasileira, deixando em onze volumes, muitos deles, hoje, traduzidos para o português, o resultado de suas impressões e de suas alentadas pesquisas.

Viajou pelas Províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Goiás, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Alcançou ainda o Uruguai e o Paraguai. Mas, sem dúvida foi a Minas Gerais e a São Paulo que mais se dedicou, deixando sobre a primeira unidade do então Reino Unido, nada mais nada menos que quatro volumes.

No torrão mineiro, vasculhou o vale do Jequitinhonha, atingiu o São Francisco, an-

dou pela Farinha Podre (Uberaba), varou as catas de ouro e diamantes, não se viu Paraíba (Juiz de Fora), como Rio Preto e São João del Rei, no coração da velha Comarca do Rio das Mortes.

Nas Gerais fez imensas recolhas, no setor da fauna e da flora, deixando também muitos reparos relativos ao quotidiano das Aiterosas. A sua fina sensibilidade não escaparam o uso popular da jacuba, bebida feita de água, farinha de milho e rapadura nem o emprego de excesso de açúcar nos doces, anulando o gosto das frutas de que eram feitos. Traçou perfis primorosos dos mineiros, pondo-os em confronto com outros tipos brasileiros.

Numa de suas andanças, vindo de Goiás, foi o primeiro estrangeiro a observar com agudeza e a descrever as regiões paulistas de Franca, Moji Mirim, Campinas e Jundiá. Na terra de Carlos Gomes impressionou-lhe o extraordinário progresso, a quantidade de engenhos de açúcar e aguardente. Em Jundiá chamou-lhe atenção o número avultado de papudos, vítimas do bócio. Neste distrito, esteve exatamente no dia 27 de outubro de 1819, seguindo dali com sua pequena comitiva em direção à capital, na época cidade de reduzidas proporções, onde a falta de acomodações era gritante.

Do estudo da flora brasileira, resultou precioso volume: *Flora Brasílica e Meridionalis*. De suas incursões redundaram acervos minuciosamente catalogados e classificados. Daqui levou para a França e, hoje, se encontram no Museu de História Natural de Paris, 24.000 espécies vegetais, 2.000 pássaros e 16.000 insetos.

De volta à pátria, fez-se membro do Instituto de França. Homem de constituição física não muito forte, sofreu alguns achaques, inclusive esteve em certa altura praticamente cego. Faleceu aos 74 anos saudoso dos bons tempos de Brasil.

Em 1953, quando transcorreu seu centenário de morte, poucas foram as manifestações tributadas à sua memória.

O Diário de Minas, de 12 de outubro de 1953, foi das poucas exceções, abrindo espaço para recordar-lhe a figura insigne. Senão vejamos:

"Comemorou-se ontem o centenário da morte de Saint Hilaire, aliás com poucas solenidades. Aqui o Instituto Histórico encarregou-se de que a data não passasse no olvido. No Rio, o Jardim Botânico organizou algumas celebrações. E os filatelistas dela tomaram conhecimento em vista da emissão de um selo especial comemorativo, ontem lançado.

No entanto, Saint Hilaire foi um dos visitantes estrangeiros aos quais mais deve o Brasil. Nos seis anos que passou neste país, de 1816 a 1822, percorreu mais de quinze mil quilômetros do nosso território, deixando notável obra sobre nossa flora e nossa fauna, além de uma descrição fiel de nossos costumes de então, que permite a reconstituição perfeita de toda aquela época. Sua obra de pesquisa e estudo foi uma contribuição notável ao conhecimento do Brasil, que nele teve um sincero e espontâneo amigo e que por isso mesmo deveria retribuir melhor o seu esforço nas homenagens à sua memória prestadas".

É imbuído dêsse espírito, que venho, neste apagar das luzes de 1972, impedir que transcorra em brancas nuvens, a passagem dos centos e cinquenta anos da despedida do sábio francês da terra de que foi amigo devotado e à qual prestou os mais relevantes serviços. Idem, de sua última peregrinação aos amados Minas e São Paulo.

E, para encerrar estas notas, faço cópia com João Dornas Filho, que, exaltando nosso retratado à pág. 293 de seu *Figuras da Província*, assim se manifesta:

"O homem e a terra, os costumes e a religião, as realidades econômicas e sociais, tudo foi visto com uma sagacidade penetrante e sobretudo com uma honestidade sem limites".

Uma rua chamada Saint-Hilaire

7-4-1978

Covis

Odilon Nogueira de Matos

Num dos meus habituais passeios matinaes — exercicio que pratico diariamente, antes de começar qualquer atividade — tive oportunidade de passar pela pequena rua Saint-Hilaire, nas imediações do Bosque dos Jequitibás. Rua modesta, de apenas três quadras, mas me trouxe grandes recordações, pois de uma certa forma posso me considerar seu padrinho. A história vem de longe. Remonta a 1938 ou 37, quando prefeito o saudoso Dr. João Alves dos Santos. Principalmente na vida de imprensa, mas já interessado no problema da nomenclatura das vias públicas, recebi do ilustre prefeito uma carta solicitando sugestões para algumas ruas que deveriam ser denominadas. Elaborei uma longa proposta, bem fundamentada, com cerca de trinta nomes, entre os quais o do grande botânico francês Saint-Hilaire, que viajou pelo Brasil entre 1816 e 1822, tendo estado em Campinas, cidade (allás vila) que apreciou e descreveu num dos seus livros. Dizis, na justificativa, que Saint-Hilaire, dentre todos os

viajantes e naturalistas estrangeiros que percorreram o Brasil no século passado, podia ser considerado o mais ilustre, aquele que melhor soube sentir e conhecer nosso país, vinculando seu nome não apenas à ciência brasileira no campo de sua especialidade, que era a botânica, mas à própria historiografia brasileira, pois seus livros, que começou a publicar a partir de 1830, constituem documentos indispensáveis para o conhecimento da vida brasileira na época em que o grande sábio o visitou.

As ruas que o dr. João Alves dos Santos pretendia denominar e para as quais dignou-se pedir-me sugestões eram as do Chapadão. Todavia, o ilustre prefeito não teve oportunidade de denominá-las, pois pouco depois deixava a administração. Todavia, os nomes ficaram guardados no arquivo da prefeitura para serem aproveitados na primeira oportunidade. Mas o "meu" Saint-Hilaire só bem mais tarde, só em 1945, pelo decreto-lei n.º 311, de 13 de novembro daquele ano, foi aproveitado para a peque-

na rua que numa destas manhãs tive oportunidade de percorrer. E percorrendo-a, fiquei a imaginar quando poderia o grande sábio pensar ao visitar nossa cidade em 1819, e ao descrever suas ruas não muito largas e ainda em pequeno número, que o seu nome seria dado a uma das ruas daquela pequenina vila de São Carlos, para a qual o viajante previa um grande futuro, dada a construção intensa de casas que observou. No relato de Saint-Hilaire há algo muito significativo. Ao seu tempo, o nome de Campinas havia sido mudado para São Carlos, mas o nome imposto não "pegara" segundo o seu depoimento: "o nome oficial não tinha ainda prevalecido, porque unicamente o de Campinas é visto" e isto nos relatórios dos presidentes da provincia. E' preciso lembrar que Saint-Hilaire, embora visitando Campinas em 1819, seu relato de viagem só foi publicado em 1851. Hoje, que dispomos de toda a obra de Saint-Hilaire ao nosso alcance em excelentes traduções, não fará mal a ninguém ler ou reler suas belas páginas sobre nosso país.





Saint-Hilaire em Campinas

Odilon Nogueira de Matos

Vindo de Goiás, percorrendo, portanto, em sentido inverso, o velho caminho das bandeiras, Saint-Hilaire chegou a Campinas em 22 de outubro de 1819. Demorou-se aqui dois dias, seguindo, direção do sul do país, chegando até a Proalgumas semanas na Capital, tomou a direção do sul do país, chegando até a Província Cisplatina (o Uruguai de hoje), na época parte integrante do Brasil.

Já tive oportunidade de transcorrer algumas vezes a descrição que o grande botânico fez de nossa cidade, denominada então Vila de São Carlos. E aqui surge a primeira observação curiosa do viajante francês: "Quando de minha viagem, o nome oficial não tinha ainda prevalecido, e parece que, ainda hoje (Saint-Hilaire escreveu seu relato muitos anos após à viagem) não é geralmente adotado, porque unicamente o de Campinas é visto nos relatórios dos presidentes da província à Assembléia Legislativa". Significa isto — num depoimento bem vivo — que o nome de São Carlos imposto a Campinas quando da criação da vila em 1797 não "pegou" o nome de Campinas continuou sendo usado, diz o botânico, até nos documentos oficiais. Razão de sobra assistia, pois, aos que, em 1842, quando da elevação à categoria de cidade, determinaram o restabelecimento do nome Campinas.

Depois de explicar a origem da cidade vinculando-a à cultura da cana de açúcar, observou que Campinas, cercada de matas por todos os lados, possuía ruas não muito largas, mas com casas novas, unidas umas às outras, cobertas de telhas e construídas, em sua maioria, com terra socada (taipa). Algumas delas podiam ser consideradas bonitas. A igreja paroquial, contudo, lhe pareceu pequena e mesquinha,

situada numa praça que formava um longo quadrado (a praça Bento Quirino de hoje). Quando de sua viagem, recordava ele, era intensa na localidade a construção de casas, sendo por aí fácil de perceber que a mesma, em pouco tempo, adquiriria notável importância. A maioria dos habitantes era constituída de agricultores e o município era, de toda a província, o que mais produzia açúcar, pois já na sua época (1819) contava cerca de uma centena de engenhos. As fazendas de certa importância possuíam, pelo menos, uns vinte escravos e produziam facilmente duas mil arrobas de açúcar. Tece algumas considerações sobre o cultivo da cana e a fabricação do açúcar e depois descreve a visita que fez ao capitão-mor, que o recebeu com muita gentileza convidando-o a almoçar em sua companhia no dia seguinte. Nesse almoço tomou, pela primeira vez, o mate ou "erva do Paraguai", da qual, a princípio não gostou, mas acabou se acostumando. E teria que se acostumar mesmo pois empreenderia em breve longa excursão pelo Paraná e Rio Grande do Sul, onde o uso dessa bebida era mais generalizado. Chamou-lhe a atenção as salas de visita e de jantar do capitão-mór, que tinham as paredes pintadas imitando mármore até a altura do peitoril das janelas; daí para cima, até o teto, eram pintadas de branco, com uma barra imitando um cordão de flores, sistema de decoração "não de todo deselegante e muito usado nas casas de brasileiros ricos".

A "Viagem à Província de São Paulo", de Saint-Hilaire mereceu edições da Livraria Martins (não mais existentes) e, mais recentemente, da Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, na preciosa coleção "Reconquista do Brasil".

CP- 07-112-1979



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 3

RUA DR. LAS CASAS DOS SANTOS — antiga Rua Seis, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. FRANCISCO POMPEU — antiga Rua Quatro, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA IMPERATRIZ LEOPOLDINA — antiga Avenida Maria Lins, (denominação popular), que começa na Rua Carolina Florence e termina na Avenida Brasil (Estrada dos Amarais);

RUA JOAQUIM GOMES PINTO — antiga Rua Beta, da Vila Progresso, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na praça de retorno;

RUA BERNARDINO DE SENNA — antiga Rua Um, da Vila Gagliardi que começa na Avenida da Saudade e termina na Rua Abolição;

RUA CAPITÃO FELIPE NERI — antiga Rua Dois, da Vila Gagliardi, que começa na Rua Bernardino de Sena e termina na praça de retorno;

RUA PADRE ANTÔNIO JOAQUIM — antiga Travessa Santa Teresinha (denominação popular), que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua Proença;

RUA DONA MARIA UMBELINA COUTO — antigo prolongamento da Rua Tiradentes, que começa na cerca da Companhia Mogiana, em continuação a Rua Tiradentes, e termina na divisa dos terrenos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora;

RUA COMENDADOR QUERUBIM URIEL — antiga Rua Quatro, do arruamento Bueno de Miranda, que começa na Avenida Silva Teles e termina na Avenida Orosimbo Mala;

RUA PADRE JOSÉ TEIXEIRA — a travessa da Vila Maria Eretila, que começa na Rua Barreto Leme e termina na Rua Benjamin Constant;

RUA PEDRO ALVARES CABRAL — antiga Rua Alfé, da Vila Isabel, que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua General Marcondes Salgado;

PRAÇA JOAQUIM TEIXEIRA — a praça formada pela influência da Rua Paula Bueno e Estradas de Anhumas e Mogi-Mirim;

PRAÇA COMENDADOR SOARES — antiga Praça Proença;

RUA IRMÃ ANA JUSTINA — antiga Rua Guedes Barreto (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

RUA CONSELHEIRO GOMIDE — antiga Rua Correia de Lemos (ato de 7 de novembro de 1903);

RUA DONA JOSEFINA SARMENTO — antiga Travessa Maria Monteiro (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

LARGO DAS ANEBORINHAS — antiga Praça Heitor Penteado (resolução n. 707, de 8 de março de 1923);

PRAÇA DR. HEITOR PENTEADO — a praça inicial da futura Avenida Dr. Campos Sales, no cruzamento dessa avenida com as de Ligação e Rua Onze de Agosto;

PRAÇA DONA JÚLIA LOPES — o trecho da Praça Ramos de Azevedo, compreendido entre as Ruas Marquês de Três Rios, Saldanha Maranhão e Dr. Silveira Lopes;

RUA IRMÃOS BIERREMBACH — antiga travessa do mesmo nome (edital de 12 de setembro de 1927);

RUA ALFERES PAULA NOGUEIRA — rua conhecida como Travessa Irmãos Bierrembach, que começa na Rua Irmãos Bierrembach e termina na Rua Olavo Bilac;

RUA DIOGO PRADO — antiga Rua Diloguinho (ato n. 25, de 29 de junho de 1931).

Art. 2.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de novembro de 1945.

JOAQUIM DE CASTRO TIBIRIÇA

Prefeito Municipal

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de novembro de 1945.

O Diretor,

ADMAR MAIA

(Aprovado pela resolução n. 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo).